

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)



A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 5

 **Atena**
Editora

Ano 2020

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)



A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 5

 **Atena**
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E724 A educação como diálogo intercultural e sua relação com as políticas públicas 5 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-54-6

DOI 10.22533/at.ed.546201903

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
 3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” compila pesquisas em torno de um debate atualizado e propositivo sobre a educação no Brasil. Apresentamos um conjunto de resultados e propostas que visam contribuir com a educação brasileira a partir de um diálogo intercultural e suas relações com as políticas públicas em educação.

São 108 artigos divididos em 5 Volumes. No Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Políticas Públicas, Gestão Institucional e História e Desafios Socioeducacionais, totalizando 20 textos inéditos.

No Volume 2, os temas selecionados foram Educação Superior e Formação de Professores. São 21 artigos que chamam para um diálogo propositivo e instigante. O índice é um convite a leitura.

Compõe o Volume 3, 25 artigos em torno das temáticas Prática Pedagógica, Educação Especial e Interdisciplinaridade. Este volume é bem crítico e traz propostas inovadoras que merecem atenção especial do leitor.

O Volume 4 traz 20 artigos bem estruturados e também inéditos que discorrem sobre práticas e propostas para a prática do uso das tecnologias em espaço escolar e da Educação de Jovens e Adultos.

Fechamos a obra com 22 artigos selecionados para o Volume 5, agrupados em torno das temáticas do Ensino Fundamental, da Educação Infantil e de Gênero e Racismo.

A obra “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” está completa e propõe um diálogo útil ao leitor, tanto no desenvolvimento de novas pesquisas quanto no intercâmbio científico entre pesquisadores, autores e leitores.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Eliana Citolim Rech Franciele Silva de Oliveira Marcos da Silva Portella Murilo Miguel Schmitz Maria Cristina Chimelo Paim	
DOI 10.22533/at.ed.5462019031	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE PAIS, FILHOS E ESCOLA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Bianca Andrade de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.5462019032	
CAPÍTULO 3	13
A PARTICIPAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS DE ALUNOS DE UMA TURMA DE PROJETO COMO ELEMENTO MOTIVADOR NA APRENDIZAGEM	
Marcilene Lopes Leal Sameiro Márcia Lopes Leal Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.5462019033	
CAPÍTULO 4	21
ADOLESCENTES POSSUEM ESTRESSE NO MOMENTO DA ESCOLHA PROFISSIONAL?	
Thaís Cristina Gutstein Nazar Nathara Caroline Fernandes Geisiane Gasparin Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.5462019034	
CAPÍTULO 5	29
APRENDIZAGEM BASEADA EM EQUIPES: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Miryan Cristina Buzetti	
DOI 10.22533/at.ed.5462019035	
CAPÍTULO 6	35
CIÊNCIAS HUMANAS NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA ENVOLVENDO A TEMÁTICA DO RESPEITO E DA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL	
Renato Kendy Hidaka Genivaldo de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5462019036	

CAPÍTULO 7	45
COMPORTAMENTO E DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL CONTEMPORÂNEO DE JOVENS E ADOLESCENTES NO COTIDIANO ESCOLAR	
Greyce Roberta de Souza	
Gustavo Roberto Martins	
Thais Aparecida de Castro Ramos Pollice	
DOI 10.22533/at.ed.5462019037	
CAPÍTULO 8	50
ESTUDO DO PERFIL MOTIVACIONAL PARA A APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS, COM APLICAÇÃO DE METODOLOGIA ATIVA EM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS	
Renata Arantes dos Santos	
Jean-Jacques Georges Soares de Grootte	
Daniela Maria Lemos Barbato Jacobovitz	
DOI 10.22533/at.ed.5462019038	
CAPÍTULO 9	59
INTERVENÇÃO EDUCACIONAL SOBRE ABORTAMENTO NO BRASIL COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	
Bruna Mendes Ballen	
Bárbara Fernanda Marinho de Freitas	
Laura Cunha Hanitzsch	
Letícia Fiuza Canal	
Silvana Galvani Claudino-Kamazaki	
DOI 10.22533/at.ed.5462019039	
CAPÍTULO 10	66
O ATENDIMENTO EXTRACLASSE COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL	
Cícero Batista dos Santos Lima	
Marco Antonio de Carvalho	
Reinaldo Araujo Gregoldo	
José Carlos Moreira de Souza	
Cinthia Maria Felicio	
DOI 10.22533/at.ed.54620190310	
CAPÍTULO 11	79
ORIENTAÇÃO ESPACIAL DE CRIANÇAS DE 11 ANOS PRATICANTES DE XADREZ	
Matheus Ramos da Cruz	
Ulhiana Maria Arruda Medeiros	
Pâmella Cristina Dias Xavier	
Telma Antunes Dantas Ferreira	
Katarina Pereira dos Reis	
Jomilto Luiz Praxedes dos Santos	
José Antonio Vianna	
DOI 10.22533/at.ed.54620190311	

CAPÍTULO 12 90

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL E PRÁTICAS INTEGRADORAS NO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES DOCENTES

Elciane Arantes Peixoto Lunarti
Patrícia Arantes Peixoto Borges
Patrícia Garcia Souza Padovani
Cinthia Maria Felicio

DOI 10.22533/at.ed.54620190312

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAPÍTULO 13 102

APEGO: IMPORTANTE ELEMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

Nathália Ferraz Freitas
Cinthia Magda Fernandes Ariosi

DOI 10.22533/at.ed.54620190313

CAPÍTULO 14 108

CONTRIBUIÇÕES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA A BRINCADEIRA DE PAPÉIS NA INFÂNCIA

Bruna Ribeiro de Oliveira Mendes
Paula Ramos de Oliveira
Denis Domeneghetti Badia

DOI 10.22533/at.ed.54620190314

CAPÍTULO 15 116

O TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CORPO

Aldileia da Silva Souza
Eduardo de Freitas Bezerra
Denise Soares Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.54620190315

CAPÍTULO 16 131

UM ESTUDO PILOTO SOBRE PERSPECTIVAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Keli dos Santos Guadagnino
Jáima Pinheiro de Oliveira
Mariana Magni Bueno Honjoya

DOI 10.22533/at.ed.54620190316

CAPÍTULO 17 139

UM OLHAR SENSÍVEL PARA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Daniela Gomes Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.54620190317

CAPÍTULO 18 149

A PESQUISA NO/DO COTIDIANO ESCOLAR: OUVINDO AS VOZES DAS CRIANÇAS

Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria

Renata Silva Lima

Myrtes Dias da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.54620190318

GÊNERO E RACISMO

CAPÍTULO 19 157

E O PASSADO É UMA ROUPA QUE NÃO NOS SERVE MAIS: ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A HETEROIDENTIFICAÇÃO FENOTÍPICA EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Eric Rodrigues de Lima

Cristiane da Silveira

Laudicéia Fagundes Teixeira

Paulo Alberto dos Santos Vieira

Simone Ferreira Soares dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.54620190319

CAPÍTULO 20 179

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ-NATAL DO PARCEIRO: REFLEXÕES SOBRE PATERNIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Railene Pires Evangelista

Marília Emanuela Ferreira de Jesus

Georgiane Silva Mota

Daine Ferreira Brazil do Nascimento

Diana Santos Sanchez

DOI 10.22533/at.ed.54620190320

CAPÍTULO 21 188

PERSPECTIVAS DAS DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS: O DEBATE NO ÂMBITO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL HENRIQUE LAGE (ETEHL/FAETEC-RJ)

Andrea Peres Lima

Marcelo Farias Lorangeira

DOI 10.22533/at.ed.54620190321

CAPÍTULO 22 203

RELATO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA SOBRE IDENTIDADE E RACISMO

Rodrigo Leonardo Offerni

Thaís Cavalcanti dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.54620190322

SOBRE O ORGANIZADOR..... 217

ÍNDICE REMISSIVO 218

UM OLHAR SENSÍVEL PARA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS

Data de aceite: 11/03/2020

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI – SC

<http://lattes.cnpq.br/2387862154032685>

Daniela Gomes Medeiros

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI – SC

<http://lattes.cnpq.br/7879522864873947>

RESUMO: O presente estudo insere-se no contexto da educação de crianças pequenas e a inserção literária nos primeiros anos de vida. Tem como foco de pesquisa o espaço físico da bebeteca (bibliotecas para bebês), buscando compreender como estes espaços podem contribuir para a formação estética de bebês. Assim, trazemos discussões no presente estudo que exploram novas possibilidades de pensar a educação infantil, de uma maneira não utópica, mas esperançosa, que esclarece linhas de fuga em meio à necessidade de uma formação sensível e mais humanizada. Adotamos como metodologia de abordagem qualitativa, a pesquisa documental e bibliográfica, tendo como epistemologia para compreensão dos dados a hermenêutica e fenomenologia propostas por Heidegger (2003). Os diálogos ocorrem com base em, Petit (2017); Larrosa (2016); Senhorin; Bortilin (2012) entre outros.

Partindo da necessidade de ressignificação de concepções preconcebidas no que se refere ao tempo, espaço e criança, conclui-se no presente estudo que a bebeteca caracteriza-se como espaço potente para vivências que promovam experiências estéticas.

PALAVRAS-CHAVE: Bebeteca; Educação Estética; Literatura Infantil.

A SENSITIVE LOOK FOR YOUNG CHILDREN INFORMATION

ABSTRACT: The present study is inserted in the context of the education of young children and the literary insertion in the first years of life. It focuses on the physical space of the baby library, seeking to understand how these spaces can contribute to the aesthetic formation of babies. Thus, we bring discussions in the present study that explore new possibilities for thinking about early childhood education, in a non-utopian, but hopeful way, that clarifies lines of escape amid the need for a sensitive and more humanized formation. We adopted as a methodology of qualitative approach, the documental and bibliographical research, having as epistemology for data comprehension the hermeneutics and phenomenology proposed by Heidegger (2003). The dialogues take place based on, Petit (2017); Larrosa (2016); Senhorin; Bortilin (2012) among others. Starting

from the need to redefine preconceived conceptions regarding time, space and child, it is concluded in the present study that bebeteca is characterized as a potent space for experiences that promote aesthetic experiences.

KEYWORDS: Baby library; Aesthetic education; Children's literature.

1 | INTRODUÇÃO

Inseridos no contexto de pós modernidade, encontramos submersos em uma lógica de aceleração do tempo em por vezes, apressamos vivências, antecipamos processos e suprimimos o presente, entendemos que este fato caracteriza-se também como sintoma do que intitula-se anestesia, bloqueio dos sentidos de forma permanente ou temporária, com consentimento ou de forma involuntária, que nos conduz o agir e ou sermos afetados por ações diversas sem possibilidade de reflexão sobre elas.

Nessa perspectiva, acordamos que abrir portas para novas reflexões teóricas e práticas, pode cooperar com possibilidades frente a urgente necessidade de estesia de nossos sentidos. Assim, apontamos que a educação estética estabelece um campo de significações que proliferam sensações e projetam a complexidade para construção e formação aberta à diversidade e alteridade.

Por décadas temos sido subjetivados e conduzidos por uma lógica de fragmentação e dissociação. Ao sermos subjetivados a esta lógica, também subjetivamos nossos alunos, por vezes com saberes fragmentados, sob o enunciado como, “ele é muito novo para isso”, “esse tema não corresponde a essa etapa desenvolvimentista”, seguimos assim em completa e sutil dissociação de sentimento da razão, lógica da emoção, conhecimento popular de conhecimento científico e assim por diante. Ao estarmos imersos em uma corrida para a “evolução”, que induz a percepção de que somos seres em permanente competição, a escola nesse contexto por vezes sente esse reflexo.

Faz-se necessária uma ação reflexiva continua sobre as práticas para não correremos o risco de replicamos concepções que promovam vivências e costumes que subjetivem a criança a um modelo pré-estabelecido, bloqueando sentidos pela via da disciplina, seja ela enquanto conteúdo ou comportamental.

Partindo desta premissa, defendemos que sentidos também habitam os espaços de vivência, cada um destes espaços pode promover experiências marcantes na infância, para tanto faz-se necessário que a dimensão potente de cada espaço seja explorada de formas criativas, que articulem os objetos que os compõe e mediações neles presentes, adotando um olhar sensível. Nesse sentido no presente estudo, abordamos o espaço físico da bebeteca, que refere-se a uma biblioteca especializada voltada a atender a criança na primeira infância, sendo esta entendida como a fase

que abrange desde o nascimento aos seis anos de idade.

Objetivamos compreender como estes espaços podem contribuir para a formação estética de bebês. Assim, trazemos discussões no presente estudo que exploram novas possibilidades de pensar a educação infantil, de uma maneira não utópica, mas esperançosa, que aclare linhas de fuga em meio à necessidade de uma formação sensível e mais humanizada.

Nessa perspectiva entendemos que é preciso ressignificarmos concepções e espaços de vivências, buscando aprender a aprender e conviver com o outro, respeitando as velhas e as novas sabedorias. Concordamos que o livro apresenta potência por ser um objeto estético que abriga inúmeras vozes, como nota-se em Reyes (2010, p.25), ao afirmar que o livro,

[...] expressa e recolhe nossa sede de encantamento, reúne os rastros da ancestral fascinação pelo poder das palavras deixadas pelos que vieram antes e também por nós, como em relevo, para os recém-chegados. (REYES,2010,p.25).

Para tanto, abordamos um espaço abastecido por estes objetos estéticos. Após revisões realizadas sobre os estudos que elegem a bebeteca como objeto de pesquisa, podemos constatar que, esta temática ainda é pouco abordada em âmbito nacional.

Notamos ainda que, na maior parte das pesquisas encontradas, a bebeteca é defendida como um espaço que pode estar localizado em locais variados, desde a casa do bebê aos locais mais públicos.

Entretanto, defendemos a necessidade de promoção de um espaço planejado e projetado para isso, para garantir que este seja um espaço que garanta a criança pequena o cumprimento do direito de acesso ao bom livro e a literatura, ao ter este acesso múltiplas possibilidades se abrem, dentre elas:

- Ampliação da linguagem, verbal ou não;
- Inter-relação da linguagem e pensamento
- Compreensão da representação simbólica
- Formação do imaginário;
- Fortalecimento emocional;
- Formação de leitores
- Apreciação a diversidade
- Acesso a interculturalidade

Contudo, faz-se necessário que o acervo ofertado apresente qualidade literária, a este respeito, ao tratar sobre práticas de leitura, o Referencial Curricular Nacional

para Educação Infantil, apresenta uma breve orientação e definição, a saber:

Uma prática constante de leitura deve considerar a qualidade literária dos textos. A oferta de textos supostamente mais fáceis e curtos, para crianças pequenas, pode resultar em um empobrecimento de possibilidades de acesso à boa literatura. Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão. O professor não precisa omitir, simplificar ou substituir por um sinônimo familiar as palavras que considera difíceis, pois, se o fizer, correrá o risco de empobrecer o texto. A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários. Um bom texto deve admitir várias interpretações, superando-se, assim, o mito de que ler é somente extrair informação da escrita. (BRASIL, 1988, p.144 – 145).

Nessa perspectiva, apresenta-se a bebeteca, cujo o nome, foi cunhado pela primeira vez, segundo Escardó (1999), em uma Conferência Europeia de leitura realizada pela Fundação Germán Sánchez Ruipérez em julho de 1987 em Salamanca,

[...] escutei pela primeira vez em francês, da voz de Georges Curie, a palavra mágica: *Bebètheque*. Essa palavra e as explicações que a acompanhavam dissiparam todas as minhas dúvidas sobre as primeiras tentativas de aproximar os livros que fizemos com crianças que ainda não haviam começado a leitura. (ESCARDÓ, 1999, p. 9).

Neste estudo, especificamente abordamos as bebetecas localizadas dentro de espaços educativos para primeira infância. A relevância desta pesquisa está em explorar para além dos espaços já contemplados outras possibilidades de promoção de experiências para crianças bebês. Assim, apresentamos a bebeteca como linha de fuga diante da necessidade de educação estética.

Compreendemos a escola, em especial os centros de educação infantil, como espaços potentes, por caracterizarem-se como o lugar de acolhida aos recém-chegados na sociedade, podendo estes espaços atuarem como reprodutores da lógica acelerada e anestesiada da pós modernidade ou como mediadores de uma formação estética e emancipatória.

2 | FIO CONDUTOR DO ESTUDO

Abordagem na presente pesquisa de enfoque qualitativo, a metodologia de pesquisa documental e bibliográfica, sendo a análise de todos os dados pautados nos princípios hermenêuticos e fenomenológicos com base em Heidegger (2003). Esse método de pesquisa considera o contexto histórico social no momento da análise, o passado e a realidade, por buscar fazer uma relação dos diálogos entre os sujeitos com o meio, e por não estar em busca da certeza ou da verdade como um fim, e sim o estranhamento e o conhecimento.

Adotamos ainda para o exame dos dados coletados a fenomenologia, por nos possibilitar a reversibilidade que consideramos necessária em uma pesquisa qualitativa, como nota-se,

Um campo visual não é feito de visões locais. Mas o objeto visto é feito de fragmentos de matéria e os pontos do espaço são exteriores uns aos outros. Um dado perceptivo isolado é inconcebível, se ao menos fazemos a experiência mental de percebê-lo. (MELEAU-PONTY, 1999, p.24-25).

Assim, diante dos dados, questiona-se para chegar à essência, compreendendo-se, contudo, que,

questionar o conhecimento não é negá-lo, não é ter uma concepção céptica com respeito a ele. Por outro lado, o método fenomenológico parte da ideia da necessidade de ter um conhecimento indubitável ou possível, ainda que, de início, não nos é permitido admitir conhecimento algum como conhecimento. (TRIVINOS, 1987,43).

O método em questão caracteriza-se, sobretudo, por colocar o conhecimento em suspenso para permitir a descrição do dado na totalidade de sua natureza.

3 | DISCUSSÃO DOS DADOS

Nossa sociedade esta marcada pela quantidade excessiva de informações diárias que recebemos, por vezes pela quantidade excessiva dessas informações, somos conduzidos à ilusão de que sabemos muito, no entanto, nesse sentido, o conhecimento é estritamente instrumental, uma vez que conforme nos aclara Santos (2000), a informação que chega a população é por vezes manipulada, não trás informações e pelo contrário, em lugar disso confundi, essa confusão gera o que intitula-se encantamento do mundo, nesse sentido o “o conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro” (LARROSA, 2016, p. 31).

Nessa lógica perversa, são recebidas e logo por vezes conduzidas nossas crianças desde os primeiros anos de vida, seja pelas informações por meio de mídias ou bombardeios de conteúdos sob o enunciado de estímulo de desenvolvimento, nota-se nesse contexto que, “a sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas” (BOFF, 2014, p. 11).

Pela superficialidade e rapidez com que a informações são recebidas, estão tornando-se cada vez mais reduzidas as aberturas de espaços reais, de diálogos de saberes não superficiais, que permitam vivências que proporcionem experiências, Larrosa nos alerta que “informação não é experiência. E mais, a informação não

deixa lugar para experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. (2016, p.18).

Como discorreremos na introdução do presente estudo, frente ao ritmo acelerado da contemporaneidade, por vezes sem considerar suas histórias subjetivam-se nessa lógica até mesmo as crianças, suprimindo o presente para atender necessidades do que se projeta para o futuro, como disserta Santos (2002, p.239), “a contração do presente, ocasionada por uma peculiar concepção da totalidade, transformou o presente num instante fugido, entrincheirado entre o passado e o futuro”. Nesse contexto as experiências estéticas são tolhidas.

Faz-se necessário propiciar espaços e possibilidades como linhas de fuga frente a essa lógica, para isto, chamamos atenção para necessidade de destinarmos um olhar sensível a recepção dos recém-chegados, os bebês, assim pensar em espaços que proponham educação e experiências estéticas.

Acordamos que as experiências estéticas podem ser propiciadas em diversos ambientes, contudo para esta pesquisa específica elegemos a bebeteca por ser um espaço privilegiado para fruição literária, o bebê pode relacionar-se com o livro pela apreciação, como ele se relaciona com outros objetos, como por exemplo o brinquedo que para ele têm uma relação afetiva, dessa maneira, ao despertar a afetividade do bebê pelo livro e possibilidades nele presentes, é possível tecer um desenvolvimento sensível e o gosto pela leitura não apenas pela decodificação das letras, mas também a leitura do mundo, de si e do outro.

Por ser a bebeteca um lugar criado para atender o bebê, buscando propiciar vivências que promovam experiências estéticas, faz-se necessário que todos os aspectos físicos sejam pensados de forma adequada à faixa etária, desde o acervo literário, mobiliário, iluminação e atendimento, o diferindo assim de uma biblioteca convencional, “a integração desses aspectos é que caracteriza um espaço e determina o que ali será desenvolvido, satisfazendo ou não as expectativas e necessidades de quem o frequenta”. (SENHORINI, BORTOLIN, 2012, p.139).

Sabe-se que o bebê ainda em seus primeiros anos de vida, necessita de acompanhamento para frequentar o espaço, para tanto há a necessidade de preparar o espaço para receber o mesmo e seu acompanhante, sendo que estes também se tornam usuários do espaço,

[...] uma biblioteca para bebês precisa atentar para os aspectos que atendam as necessidades de seus usuários como espaço arquitetônico para o desenvolvimento das atividades, mobiliário adequado que não causem ferimentos nos bebês, locais para higiene e alimentação, cores, iluminação, entre outros itens que precisam ser vistos com atenção. (SENHORINI, BORTOLIN, 2008, p.133).

Compreendemos ainda que o espaço caracteriza-se também como propositor de múltiplas experiências que podem promover educação estética. Por educação

estética entendemos a educação do sensível, ou seja, aquela que ocorre por meio das sensações e sentimentos. Acordamos que cada indivíduo é um todo integrado e não há como pensar uma educação da razão desvinculada do ser sensível, assim, “a estética analisa o complexo das sensações e dos sentimentos, investigando sua integração nas atividades físicas e mentais do homem, debruçando-se sobre as produções (artísticas ou não)” da sensibilidade. (ROSENFELD 2006, p.7).

No que se refere à estesia ou em sua origem *aisthesis*, podemos ser aclarados,

A palavra grega em português “*estesia*”, aponta para o contrário de anestesia. Ocupa-se com a estética, a partir do século XVII, é lidar com o mundo sensível, isto é, com possibilidades de aprender o mundo pelas vias sensoriais, pela percepção, participando de diferentes manifestações de acontecimentos do mundo. (NEITZEL; URIARTE; CARVALHO, 2016, p.188).

Concebemos que, vivências significativas na infância podem potencializar experiências marcantes, que dão sentido as palavras e a vida. Assim, é possível contribuir com uma formação não vazia de espírito, sensibilidade e empatia, mas aberta a sentir o mundo,

Sentir o mundo ao redor e estar apto a percebê-lo, contemplando-o e refletindo sobre ele de forma a aproveitar as sutilezas tão esquecidas e vitais como **conseguir ouvir as necessidades de nosso próprio corpo e também as do outro**, poderá afastar o homem da barbárie e eleva-lo ao patamar de homem cultivador. (NEITZEL; URIARTE; CARVALHO, 2016, p.189, grifos nossos).

Faz-se necessário ressignificarmos concepções e mediarmos espaços, tempo e vivências que sobreponham o coletivo ao individualismo, construindo momentos de formação sensível, construção de saberes e relações afetivas. Assim é possível desde criança, descobrir valores necessários à vida compartilhada no mundo no qual estamos inseridos e somos parte, não apenas como receptores, mas refletindo sobre eles, “a esse processo contemplativo e reflexivo chamamos de formação sensível” (NEITZEL et all, 2016, p.189).’

É necessário acentuarmos que a educação estética não propõe uma formação do sensível desvinculada da razão, “[...] as duas legislações devem existir com plena independência, e ainda assim perfeitamente unidas” (SCHILLER, 2015, p.118), uma vez que entendemos que em uma formação integral, ambas são contempladas, mas não como um jogo em que uma se sobrepõe a outra.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que promover espaços de contato e fruição literária na infância, pode propiciar momentos de novas vivências que toquem o ser-sensível e potencializem estesia gerando experiências estéticas à criança.

Concordamos que ao propiciarmos uma formação estética desde os primeiros anos de vida, permitirá ao bebê encontros, sensações, trocas, que o capacitaram frente à vida os tornando potentes.

A mediação literária permite aos bebês espaço de fala, mesmo sem expressarem oralmente palavras decodificadas, uma vez que “falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa”. (HEIDEGGER, 2003,p.7), contudo, compreender e abrir espaço para este fato só é possível por meio de uma educação sensível, que possibilite um encontro ao interior de sensações, como nos aclara Petit (2017,p.61):

Um desejo que pôde ser revelado porque alguém soube tocar essa sensibilidade primitiva, suscitar, pela voz, idas e vindas entre o corpo e pensamento, e possibilitar a recuperação, sob o texto, de um mundo interior de sensações, um movimento, um ritmo. Permitir que se entre na dança.

Ensinar a dançar, contudo, só é possível quando antes se aprendeu a dançar, portanto, conclamamos um agir reflexivo sobre nossas práticas diárias enquanto mediadores, sabendo que “cada pessoa dá a uma criança aquilo que tem mais sentido para ela. Ela lhe abre portas, Mais tarde a criança tomará posse daquilo ou não. Ela abrirá outras portas”. (PETIT, 2019, 23).

Defendemos a necessidade de espaços não sistematizados, mas organizados de forma fluida, a fim de promover momentos livres que permitam vivências que promovam experiências livres de estímulos reguladores. Na contrapartida de um espaço regulado e regulador, um espaço fluido permite maior segurança interna à criança pequena, cooperando assim com uma formação estética.

Nesse contexto, não queremos erroneamente promover a educação estética com a ideia de uma tábua salvadora, mas como possibilidade de “liberdade estética”, nas palavras de Schiller (2015, p.15) não uma liberdade ou autonomia vista na razão prática, mas antes uma liberdade *sui generis*, que permite ao indivíduo ser quem ele é. Não perseguimos aqui uma perspectiva de emancipação, por compreendermos que ao propormos um novo olhar sobre o espaço, deixamos de lado o modelo que julgamos regulador, mas apresentamos um outro modo que também pode ser subjetivador.

O que nos cabe aqui então, é pensarmos a partir da perspectiva que adotamos que tipo de sujeito a educação do sensível forma, para não categorizarmos modelos de perspectivas de educação, julgando a que adotamos como sensível e outras não, por compreendermos que ambas podem educar, contudo, por vezes de forma mais disciplinar, fechada, com menos porosidade, com menos espaço de fuga e fissura, ao tempo em que a educação estética apresenta-se como uma educação não enrijecedora ou embrutecedora.

Nesse viés, percorremos os efeitos que a educação estética pressupõe. Afirmamos que a educação estética é também uma forma de construção de

subjetividades, contudo, difere daquela que organiza sistematicamente a existência da criança pequena o do bebê. A formação estética constrói-se a partir das intersubjetividades “encontros personalizados, uma recepção, uma hospitalidade”. (PETIT, 2017, p.32).

Assim, aponta para *um homem no sentido pleno*, que é descrito por Schiller (2015) como aquele que “não busca apenas retirar-se à *clausura* da moralidade, mas empenha-se exatamente em dar vida às coisas que o cercam, em “libertar” os objetos que habitam sua sensibilidade, tornando possível um cultivo cada vez maior desta”. (p.15). Fala-se aqui de um ser com impulso lúdico, logo retomamos que este “não desfruta de uma liberdade moral *stricto sensu*, mas de liberdade em meio ao mundo sensível”. (p.15).

Nessa perspectiva, defendemos que o espaço bebeteca, por meio da organização e imersão na literatura, pode cooperar significativamente para esta construção, atuando o próprio espaço como mediador e subjetivador. [...] as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior [...], além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição de sujeito. (PETIT, 2017, p.32). Na medida em que ele estabelece determinada organização, a eficácia da subjetivação do mesmo está muito mais na tua ausência do que na tua presença de estímulos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que há a necessidade de ressignificarmos nossas concepções sobre o tempo, espaço e criança, uma vez que por vezes, pensamos criança apenas como corpo dócil, portanto formatável, faz-se necessário repensarmos este corpo como para além do físico, também sensitivo e sensorial, destacamos assim em uma educação estética, promovida pela oferta de espaços como a bebeteca, que explorem o tempo não como legislador, mas como aliado, que realizem a mediação de textos literários que conduzam uma dança sensível pela vida, e a construção de um mundo interior

Porque os textos agem em vários níveis – sejam eles lidos em voz alta ou ouvidos no segredo da solidão: através de seus conteúdos, das associações que suscitam, das discussões que promovem; mas também de suas melodias, seus ritmos, seu tempo. (PETIT, 2017, p.61).

Nesse sentido, procuramos evidenciar no presente estudo, como as bebetecas podem ser potentes aliadas, promovendo vivências em que o bebê possa dialogar com todos os seus sentidos de forma positiva, por meio de uma educação estética.

REFERÊNCIAS

- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. V.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- ESCARDÓ, Mercê. B: bebeteca. EDUCACION y BIBUOTECA – Edição especial, ano 11, n. 100, p. 8-10 . Associação Tilde de Educação e Bibliotecas; Madri – Espanha, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003. p. 121.
- LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MELEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Moura. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. Ed. Ijuí: Unijuí. 2011.
- ROSENFELD, Kathrin H. **Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- NEITZEL, Adair; CARVALHO, Carla; *et al.* **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética**. Curitiba: CRV, 2016.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- PETIT, Michèle. **Ler o mundo: Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, out. 2002, p. 237-280.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SENHORINE, Mariana; BORTOLIN, Sueli. **Bebeteca: um espaço de mediação oral da literatura**. In BARBALHO et al. Espaços e ambientes para leitura e informação. Londrina; 2012, p. 131-155.
- SENHORINI, Mariana; BORTOLIN, Sueli. **Bebeteca: uma maternidade de leitores**. Informações & Informações. Londrina, v.13, n.1, p. 123-139, jan./jul. 2008.
- SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. 9. ed. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- TRIVINOS, Augusto Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VEIGA-NETO, Alfredo; SARAIVA, Karla. **Educar como a arte de governar**. Currículo sem fronteiras, v.11, n.1, jan./jun. 2011, p.5-13.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 59, 61, 62, 63, 65

Adolescência 6, 21, 22, 25, 39, 45, 46, 110, 186

Apego 102, 103, 104, 105, 106, 107

Aprendizagem 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 41, 46, 50, 51, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 87, 88, 89, 93, 109, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 135, 142, 182, 204

Aprendizagem Baseada em Equipes 29, 30, 31, 33, 34

Atendimento extraclasse 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76

B

Bebê 61, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 135, 141, 144, 145, 147, 183, 184, 185

Bebeteca 139, 140, 141, 142, 144, 147, 148

C

Ciências Sociais 34, 37, 42, 44, 108, 110, 112, 138, 148

Comportamento 3, 10, 11, 17, 45, 51, 57, 103, 104, 109, 112, 118, 119, 120, 198

Cotidiano escolar 13, 15, 16, 18, 19, 20, 45, 78, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 203

Crianças 1, 3, 5, 9, 16, 34, 42, 61, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 102, 103, 104, 106, 107, 112, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 135, 136, 138, 139, 142, 143, 144, 149, 150, 153, 154, 155, 156, 182, 196, 199

Cultural 16, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 59, 60, 64, 91, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 127, 128, 148, 152, 153, 155, 157, 163, 167, 176, 189, 190, 199, 200, 203, 204, 210, 216

D

Deficiência 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 159, 167

Desempenho Motor 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88

Desenho 47, 116, 126, 154

Desenvolvimento 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 16, 22, 23, 27, 28, 33, 36, 38, 45, 47, 48, 49, 60, 61, 67, 78, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 125, 128, 129, 130, 137, 138, 143, 144, 162, 169, 170, 171, 172, 177, 179, 181, 182, 185, 186, 205, 210

E

Educação do corpo 116, 117, 127, 128, 129

Educação Estética 139, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 148

Educação Física Escolar 1, 3, 88

Educação Infantil 88, 109, 115, 116, 117, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 141, 142, 148, 155

Educação Sexual 59, 60, 61, 65

Ensino Fundamental 1, 2, 3, 29, 31, 34, 50, 52, 53, 57, 88, 89, 203, 204

Ensino Médio 25, 35, 36, 37, 38, 41, 44, 46, 59, 62, 66, 67, 70, 74, 76, 77, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 115, 159, 190, 210

Ensino médio integrado 77, 90, 91, 93, 94, 98, 99, 101

Ensino Médio Técnico Integrado 66, 74

Epistemologia Qualitativa 149, 150, 151

Escola 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 28, 29, 31, 37, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 79, 81, 82, 91, 95, 98, 99, 108, 109, 114, 115, 116, 118, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 150, 153, 155, 188, 189, 193, 194, 195, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 215

Escolha Profissional 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Estímulos adequados 1, 2

Estresse 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 49, 105, 106

F

Família 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 22, 25, 26, 113, 126, 179, 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 193, 194, 196

I

Inclusão 131, 132, 137, 138, 174, 181, 185, 190

J

Jogos de papéis 108, 112

L

Literatura Infantil 139

M

Motivação 13, 15, 17, 18, 19, 20, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 104

Música 116, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 207, 215, 216

O

Omnilaterallidade 90

Orientação espacial 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89

P

Periodização histórico 108, 110, 114, 115

Pesquisa no/do cotidiano escolar 149, 150, 152

Politecnia 90, 92, 95, 101

R

Relacionamento 7, 8, 11, 13, 18, 76, 118, 179, 183

Relato de Experiência 29, 31, 59, 179

Responsáveis 10, 13, 18, 19, 23, 52, 67, 83, 118, 166

S

Sentimentos 45, 48, 63, 145

Sociologia da Infância 149, 154

X

Xadrez 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

 **Atena**
Editora

2 0 2 0